

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS

DIRECTOR ARTISTICO
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRACA

Redacção, Admini-
stração e Officinas de
Composição e Im-
pressão
Rua Formosa, 43-115807.



A ACTRIZ INGLEZA LILY ELSIE

O que acontece a quem não compra no

Chic e Parisienne

GRANDES ATELIERS

Completei o fornecimento em roupa branca para senhora e homem
Exceções para casamento, baptizados e collegiadas

CHIC PARISIENSE
CAMISARIA PORTUGUEZA
GUIMARÃES & LELLO
34, Rua de Santo Antonio — PORTO

ENVIAM-SE CATALOGOS E AMOSTRAS A QUEM REQUISITAR

NOUVEAU PARFUM VIOLET
PRINCEIA
29, Bd des Italiens — PARIS

A SEDA SUISSA
É A MELHOR!

Pegam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou cor,
Eolienne, Gachoniro, Shan-
lung, Duchesse, Crêpe de Chi-
ne, Côté, Messaline, Mous-
solino, largura 120 cm. a partir de
fr. 1.25 o metro, para vestidos, bluses,
etc., assim como as bluses e ves-
tidos bordados em baptiste, lã,
toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-
das solidas directamente aos
consumidores e francas de
porte a domicilio.

Schweizer & C.
Lucerne E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedor da Corte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

ianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina contínua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionais. *Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado
Numero telefonico: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação...	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

FARINHA LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO para crianças e pessoas edosas.

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

J. Ferrera & Comp.

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES Praça Tiradentes, 27

Telephone 688 — Caixa 701 — Código Ribeiro — Telég. Triângulo
Entregas a domicilio Rio

Vinhos, aguas mineiras, aguardente, conservas, etc. em Nictheroy. Filial: Avenida Rio Branco, 147. Recebem-se cargas para Nictheroy e vice-versa pela falua S. Geraldo. Depositarios da Cervejaria «Brahma». Rio de Janeiro

O HAGENBECK



Dissera-me o meu amigo Wan Zeller que não deixasse de vêr o Hagenbeck. Fiz-lhe a vontade. O tempo estava introviscado, mas podia vir peor. Em Hamburgo, mesmo no verão, chove muitas vezes semanas a eito; fui por isso ainda n'esse dia até lá.

O Hagenbeck é unico no mundo, e o gosto do seu fundador depara-se-nos logo á entrada.

Na porta central, duas cabeças de elephant, em bronze, dominam o relevo, onde a bicharia se apre-



senta em attitudes que lhe são peculiares. As trombas sustentam dois grandes lampões electricos. Um leão e uma leôa atraem a nossa attenção; bem lançados e esbeltos, elle ativo, ella rastejando na sua sombra, levam-nos os olhos para

o seu visinho do lado opposto, um urso em tamanho natural. Não ha um detalhe perdido; nenhum getto de serpente desaproveitado.

Ali fiquei algum tempo, admirando a imaginação bizarra que dispôz aquella fauna em tão natural modo de sua dextreza propria.

A entrada custa apenas um marco; e, por esta quantia insignificante, que bella tarde não passei!

Transposta a entrada, abre-se deante de nós um parque vasto de onde nos veem ao encontro gritos e vozes diferentes. E' que ali residem centenas de exemplares das especies com que o globo, em gestação fecunda, povôa a sua superficie. Ao longe uma banda militar e o ligeiro ruido dos visitantes, que se apinham no café e em volta d'elle, compõem o fundo suave d'um estridulo constante.

Hagenbeck, que deu o seu nome ao parque, conseguiu abruptar, crear a braveza, tornar selvagem, ravinoso, um pe-



- 1- A entrada principal do Jardim.
- 2- Um tigre real.
- 3- A caminho do repasto
- 4- Os leões com as suas crias.

daço da Prussia, sempre plana e fértil, monotona e amaneirada. Não tem o reino dominante montes; Hagenbeck fabricou-os. Na Prussia não ha penedias; alcantilou-as a sua invenção poderosa. E quem o vê... quem olha para a sua cara vulgar, para a sua figura de attitudes modestas, supprá apenas que se defronta com um velho libador de cerveja. Mais de perto, porém, o seu olhar vivo e transparente logo nos mostra que espirito animo o fundador d'aquelle estabelecimento, unico no seu genero.



Mas no que Hagenbeck me pareceu mais artista do que allemão, foi na minuciosidade rica, no mimo com que tratou todos os fragmentos de paisagem estranha, opposta, longinqua por vezes, transplantada pelo seu engenho para ali.

N'isto sim; n'isto torna-se o parque não só original, mas digno de admiração.

As grandes penhas de cimento que os invernos teem ruído e naturalizado estão sulcadas



1—Um dos lagos. 2—Panorama do norte. 3—O tigre real deante dos donos.

por veios de agua, e as escadas por onde ascendemos ao cimo d'esses colossos, se tivessem sido talhadas, toscamente, em rocha viva, não seriam mais difíceis e pittorescas. Lá de cima, a enormidade do parque, e a planície sem fim da patria de Frederico-o-Grande, estendem-se até onde a vista alcança. Onde cada uma d'estas moles acaba, onde ellas veem confundir-se com o solo, o uberrimo solo prussiano, ahi, apparecem calhaus de todo o tamanho, espalhados por sobre pedrinhas e areia, como se fosse junto ao mar, ao pé dos rochedos.

E' d'ali que se fornecem os jardins zoologicos do mundo inteiro, quando lhes falta algum exemplar. O Hagenbeck tem de tudo em grande quantidade. Avestruzes, leões, ursos, phocas... do ás centenas. O lugar, porém, de maior predileção para os seus visitantes é onde Hagenbeck nos arranjou um trecho polar. Para lá corremos e lá nos demoramos por largo tempo, admirando a agua, o gelo e as penhas alvas por onde as phocas deslisam co-



globo, os olhos de ambar brilhantes e vagarosos dos veados da mesma região. A musica toca ali perto, e os seus accordes enervam aquelles representantes do inacessível, que por isso se movem, mostrando-se aos seus observadores curiosos.

Os pingüins giram emplumados por entre as phocas, emproados dentro da sua verticalidade, parecendo-nos os soberanos pequeninos d'aquelle reino frígido.

Por toda a parte originalidade e caracter; mas o que mais nos preoccupa é como aquelles brutos selvagens se não exterminam uns aos

mo se estivessem no seu proprio habitat. Nunca fomos ao polo, mas em frente d'esta porção do parque bem alcantilada e gelida, nua, branca, cinzenta, e de superficies lisas, a nossa imaginação facilmente galga os graus que nos separam dos gelos eternos, impenetraveis. A fauna polar está toda representada em numerosos typos de cada especie. Ora emergem da agua phocas que se deitam a escorregar sobre o gelo, ladrando de prazer; ora os ursos brancos põem em movimento as suas *fouurres* claras como a neve; e lá muito para os altos, como pharolando este extremo norte do



1—Feras em liberdade. 2—Tres elephantes femeas com dois filhos de 3 e 4 semanas
3—Outro lugar onde as feras estão em liberdade

outros. Como estão ali juntos animaes, feras inimigas, e não ha lucta, sangue e morte?

A' vista do espectador aquillo parece tudo transitavel; mas qual! ha barreiras invenciveis a impedir-lhes o encontro. Onde estão? Ninguém as descobre. A impressão é da mais absoluta communitade. A séde dos ursos vae por entre os alcantais onde os veados se empoleiram e desce até ás geleiras e agua que as phocas per-

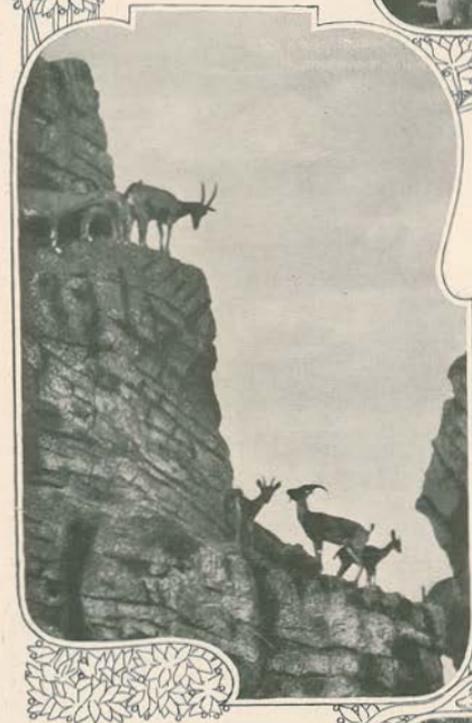


No theatro do parque: Amestrando os animaes que hão de figurar nos circos

chegarem um affago. Este affago, porém, não pode dar-se, porque um profundo fosso que se não vê, que brenhas disfarçam, os livra do nosso directo convivio.

Ali vive, ali tem os seus jogos com balas enormes, com grandes troncos de arvore com que a sua dextreza ee exercita á solta, e ali procria a sua fereza, que mais tarde fará o divertimento dos circos, um bom numero de tribus a que o deserto não acena com a nostalgia que vêm os olhos dos mesmos bichos, quando os fitamos opiados, nas jaulas, estreitos cerceres da sua saudade do sertão.

O Hagenbeck tambem conta entre as suas maravilhas uns bairros de Ceylão, familias da Ethiopia, verdadeiras amostras dos povos de Africa e da Asia. Eu pude verificar a authenticidade. Viajei no mar Vermelho e no Indico. Conheço a costa oriental da Africa na sua parte norte até Zanzibar e Mombaça; corri a India, tive occasião de vêr Ceylão, quando fui com



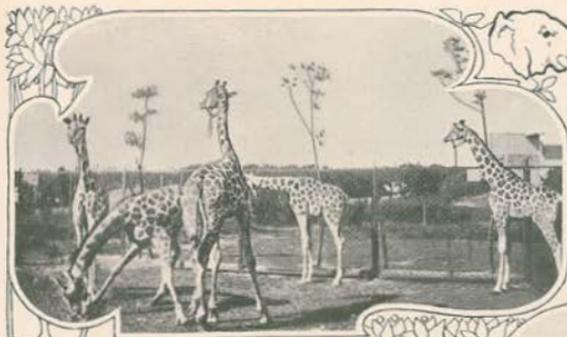
Uma penha

correm. Tudo nos parece sem quebra de continuidade, sem interrupção, e só temos a certeza de que as barreiras, as divisorias existem, porque as especies inimigas não se enfurecem umas contra as outras, nem se batem.

Mais adiante seguia eu despercebido ao longo d'um atalho sinuoso, ladeado de balseiras, e confesso que me sobressei. O que virá? Dezenas e dezenas de leões á solta, que o olhar inadvertido podia suppr̃ em circumstancias de nos.



Cegonhas no tanque do bairro chinês



Prendergast, um irlandez meu amigo, a Marashikade e Chevalpaar; pois não são apenas os palmares e os índios que se apresentam tal qual lá os vi; são as casas, os officios, as decorações dos seus pagodes gentilicos. Um encanto, quasi maravilhoso para mim que adoro a India.

Os índios estão tal qual nas suas casitas das aldeias visinhas de Colombo. Trajam os mesmos pannos, fumam os mesmos canudos; tudo como por lá vi. As esteiras onde trabalham são as mesmas onde algumas vezes desancei das minhas correrias em bicycleta, ao sol ardente do Equador.

Um sonho! Eu podia suppôr que sonhava. A umas mulheres que tiritavam com frio disse algumas palavras em *hindustani*, — a lingua mais universalizada na India; mas arrependi-me logo: poucas mais sei e quasi nada entendo. Por isso me responderam, falaram, falaram, e eu só d'uma palavra aqui, outra ali, consegui o significado. O que dizem? Não sei.

Os olhos que lhes iluminavam os rostos suaves deram-me a segunda tristeza da minha viagem.

A nostalgia da sua terra, que o frio ainda mais castigava, punha n'aquella luz macia a mesma expressão de dôr dos enjaulados de que falei ha pouco. E os membros tremiam sob os seus olha-

res como as folhas dos tamarindeiros da sua terra ao sopro do terral consolador que modera as furias e ardores do deus Suniá, — o sol da India. Pobres exilados! Para quê lhes accendera eu, com tres palavras, em lingua sua conhecida, a reminiscencia cruel do seu apartamento, da distancia?!... agora que o frio começava a baixar, implacavel, sobre os seus corpos franzinos. Pobres mulheres!

Os homens trabalha-



1—As girafas. 2—No alto d'um despeñadeiro



O fundador do Hagenbeck affagando o leão Trieste, o veterano que serviu 18 annos e que hoje já não trabalha.

vam. Os oleiros pintavam vasos, em forma do calão da India, por elles fabricados. E os desenhos eram figuras de divindades bramahanicas. Outros, em casas como as dos ourives, faziam labores em vasos de metal, outros bordavam; e tudo vive assim, até que a um signal do *tan-tan* correm a organizar uma procissão gentilica, em rigoroso estylo ceylonense, com elephantes, boisinhos anões, bailladeiras e os palanquins com as divindades favoritas da ilha. Acabada a procissão veem os ethiopes simular a sua guerra com todos os seus caracteristicos systemas de combate.



Vista geral do parque

Depois os visitantes vão, geralmente, assistir ao espectáculo das feras. N'um vasto theatro em que o palco é todo elle uma jaula, se apresenta, todos os dias, um domador com grande copia de feras do parque. No meu dia foram 8 ursos brancos que de mistura com 10 leões africanos e 6 tigres de Bengala executaram tudo quanto humanamente se



2—Grupo de ceylonenses
3—Outro grupo de ceylonenses
com dois mordangueiros
4—Creações do bairro de Ceylão.

Pobres indios degredados na Europa! e desgraçados portuguezes os emigrados de então!

As paginas em que Oliveira Martins nos pinta essa má vida levada em Southampton pelos que debalde esperavam a applicação do ouro que o duque recebia para os exilados, vivem ainda agora na minha imaginação e com elles os armazens

pode fazer de tanta bruteza, força e ferocidade.

Quando sahi do theatro tive de passar pela penitenciaria dos indios: o bairro de Ceylão mudado para Hamburgo é o caminho; não ha outro. Lá estavam outra vez as mulheres olhando, — e que olhar!

Ainda as vejo agora, as exiladas cheias de frio, com a mesma pena com que ha dias contemplei em Southampton os logares onde o Palmella armazenava os portuguezes para ali atrizados pela má hora que a liberdade nacional houve de cur-



tir. Aquelles armazens onde os liberaes soffreram fome, onde os parasitas lhes pediam o sangue que elles estavam promptos a derramar pela idéa redemptora, enquanto Palmella recebia ouro do Brazil para a manutenção d'aquellas victimas, — os taes armazens! não sei porquê, parece que teem voz, julguei que falavam dos soffrimentos dos nossos irmãos d'esse tempo, da sua nostalgia de Portugal, da sua fome, das palhas e dos vermes que lá os roeram, apesar do ouro do Brazil!...



sentados foi Van Zeller abordado por outro velhote tão interessante como elle. Se bem que a figura do velho consul portuguez, cuja memoria toda a cidade venera, fôsse o que a velhice nos pôde mostrar de mais viril e suave, aquelle que o abordou risonho não era menos interessante do que o nosso septuagenario. Van Zeller levantou-se e eu segui o seu movimento. Após a saudação effusiva d'uma geração quasi toda extincta, representada ali, n'aquelle encontro por tão bellas figuras do passado. Van Zeller vol-

que lá vi. Emparelhados n'esta dôr sinto hoje aquelles indios, também exilados e com frio, elles, para quem a miseria na sua terra é ouro, luz, calentura e, na hora ultima, — libertação!



Van Zeller, em Hamburgo, fazia do Hagenbeck o seu lugar predilecto. Passava ali muitas tardes de verão. No dia em que lá estive, foi-me dado presenciar, a cada passo, a sua admiração por aquella obra de gigante. Depois de vêrmos os logares principaes abancámos ao ar livre, perto do restaurante, n'uma posição em que viamos desenrolar-se deante de nós o «panorama do norte.» Uma banda militar tocava um trecho de Strauss, na hora da tarde em que encommendámos o nosso café a um creado bem embigodado. Toda a Allemanha o bebe. A'quella hora estavam ali mais de mil pessoas com as suas chavenas na frente. Por toda a parte se ouvia o mesmo dito: *Oler, Kaffec!*



1—Trecho da parte japoneza 2—Os rochedos. 3—Trecho do panorama do norte

Alguns momentos depois de estarmos

tou-se para mim e disse-me, no seu allemão: —Apresente-lhe o senhor Hagenbeck, meu velho amigo, e a grande cabeça que organisou este mundo. Com effeito o parque é um mundo. Na renovação annual dos indigenas, trazidos dos confins do globo, lá encontramos, com os seus costumes, os typos que a expressa especie humana não impõe como nossos semelhantes, afóra a larga representação de toda a fauna e flora terrestre. DOM THOMÁS DE NORONHA

COLETE BORDADO DA MULHER DO MINHO.



Como Boccaccio dizia maldita a primeira mulher que se vestiu, appetite-me dizer maldita, e com sobeja razão, a primeira mulher que se apertou.

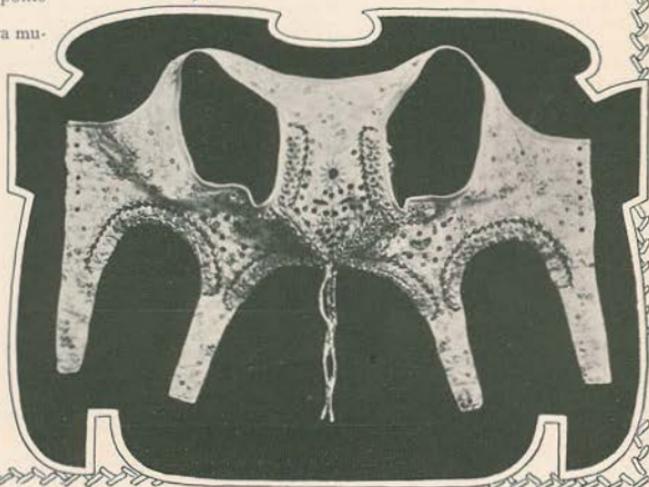
Boccaccio, claramente, julgou como um sadico inco-temporizador; eu julgo (com a devida distancia, pelo respeito e admiração) sob um ponto de vista consciencioso.

Maldita, pois, a primeira mulher que apertou o peccado precioso da sua carne; maldita semelhante innovação, já coeva das castellas da meia idade, que tem custado a vida de muita exagerada; maldito o tecido que serviu tão fraco systema util; malditas semelhantes mentiras convencionaes; e malditos, ainda, os paes de familia que pagam semelhantes despezas.

Nos homens, um coto apertado é coisa viavel, porque se colloca na corôa da cabeça; um par de botas apertado é coisa exterminavel, porque se joga facilmente a uma parede. Mas, nas

mulheres, um collete ajustado, apertado, esticado, quando se usa por *necessidade*, é uma coisa sobejamente estúpida, porque tortura, definha e pode inutilisar o que de mais bello existe n'esse irmão do outro sexo: a carne.

Viria isto das *disciplinas*, das cordas de esparto, dos cilícios? São coisas do mesmo perigo e especie. E sem que se estabeleça ou pretenda estabelecer parallelos de origem entre semelhantes objectos, devemos confessar que a Igreja, fomentando através as civilizações uma theoria erronea do Pudôr, foi mais expedita em desenvolver e propagar estes extremos de systema *civilisado* que quaesquer outras fontes de inspiração social. *Que todos deveriam castigar a sua carne*, dizia-se. Do livre culto pagão, humanamente simples e sobrio, descemos a este ajuste violento, que revelou (sem que o tivesssem previsto) equivocas e excitantes perfeições do modelo animado. Concluiremos, n'um rapido reflexo criterioso, que os amigos do Pudôr, ou a Igreja, descobriram o que intencionalmente queriam encobrir; e que a Moda, coisa perniciosa em todos os tempos, encontrou mais um processo de incommodar a humanidade n'esse collete deploravel.



Fixem a estratégia social da Igreja desde o ponto culminante do regime das censuras e castigos públicos, que se estabelece no século agitado de Dante. Desde então, o Pudor ficou sob os olhos seccos da clerezia. Santo Ignacio, depois, pontificou aos castigos contra a *relaxação dos costumes*. Hesitou e intimidou-se, ainda mais, o espírito pequenino das mulheres. E vejam que estava organizado o systema dos jejuns mores e sociaes.

E o tempo, que é a unica e innegavel especie de moto continuo, proseguiu e foi, mo-



ral e socialmente, exagerando. N'esse dramático século xv, que cobriu de horror e sangue toda a Europa latina, os modelos de Memling e Bouts surgem, á maneira dos costumes civis de então, de rins comprimidos, com os seios elevados pela pressão violenta dos colletes rigidos. São abruptamente espremidas as cintas das mulheres dos quadros de Ticiano, Velasquez, Franz Hals, Watteau e Greuze. No periodo artistico d'este ultimo pintor, pleno século dezoito, exagerava-se perigosamente a compressão do busto franzino das mulheres. Um collete Luiz XV, d'um castigo morosamente mortal, foi tão cruel como as sentenças do Santo Officio. Emfim, a civilização refeminava com perigo. As tunicas soltas estavam distantes, e restava-nos um collete inverosimil de feitto, de resultados contraproducentes.

Sim, os costumes da velha Grecia de Epicuro, mais livres e de melhor senso, eram soberbamente folgados. Merecia uma ode de honroso elogio essa farta tunica academica, desenvolta e ornamental, que cobriu decorosamente todas as mulheres dos tempos prodigos de Pindaro. Dentro d'ella, perfeitos, agitaram-se, folgaram e impressionaram, os modelos felizes da estatuaria mais que todas simples e moral. A obra de Phydias, consagrando-se, foi logo um motivo de adoração. Era a imagem natural, a que pregavam Zenão e Democrito. E foi, sob o arco azul do céu, no modelo macio e espontaneo

1—O primeiro collete. 2—Em dias de trabalho.



Um collete que não estorva as mães de amamentarem os filhos

da mulher helena, que Herodoto creou a imagem clara e eterna das nove musas pagãs.

Infelizmente, o collete chegou, e subsiste... Tem subido e diminuído varias vezes; e varias vezes tem alargado e ajustado — como o collete de forças.

Em tal situação, experimentada pelas necessidades do tempo, pedia-se um collete humano, meio termo, e para contento de todos. Dos colletes torturantes dos seis ultimos seculos, qual o mais accetavel? A meu vêr, e sem parcialidade que o criterio não oriente, ficaria um collete que passou por certo, inoffensivo e obscuro, por todas as situações do collete arqueado do grande mundo, sem que a moda pudesse tirar-lhe a simplicidade do modelo e a graça ingenua dos seus enfeites: ficaria esse collete bordado da mulher dos campos do norte de Portugal.

Assim como o Barba Azul tinha sete mulheres de seu, estas costureiras do campo, no Alto e Baixo Minho, tem sete officios para as suas necessidades: costuram, engommam, tecem, bordam, fazem renda d'agulha, miotes d'algodão, e dobam *canellas* para as fabricas.

Nas estradas de macadam, que desdobram, areadas e lisas, para cidades e arredados, dos casinhotos que estacam pelas margens, entre os tufos de ortigas e rosas bravas, veem para o ar livre, sempre, as pancadas seccas da lançadeira dos teares de linhagem, a vertigem barulhenta das machinas de costura, a cega-rega das rodas de dobar; todas movidas por mulheres do campo, que entre si exercem todos os sete misteres, e um grupo de trabalhadores que se colloca, como os moleiros da beira-río, em vida menos commum com o labor agrario.

Chama o camponez, a essas mulheres: *habilidosas*.

Basta a situação do seu casario, posto á margem d'estiadas livres, em pequenos burgos aldeãos, para comprehender a especie de divisão que existe entre os lavradores-caseiros, recolhidos dentro das terras arrendadas, e as mulheres que arrendam casas no baldio, só com a propriedade d'uma cabana com cobertura de telhavã, suspensa pelos rebos contra o temporal.

Ellas entram no labor dos campos como o ganhão das Beiras entra na debulha alemtejana: simplesmente ao *jornal*, a secco ou com comida. Na maioria dos casos dão ajuda nas vindimas e nas esfolhadas, gratuitamente, prolongando o uso minhoto da permuta de *braços*, que se realisa pelos grandes dias de trabalho, entre os camponezes. Grandes searas se ceifam, ou longas vinhas se recolhem, com a braçada d'essa gente que as não cavou, regou e podou. As *habilidosas*, então, são cavadoras atarefadas.

E estas costureiras d'aldeia, por vezes, dão um exemplo curioso de susceptibilidade feminina. A's raparigas a quem alguma luz de intelligencia deu o gosto de aprenderem a lê e escrever — o que é raro, entre camponezes — repugna-lhes ficarem ao serviço pesado das terras; e quando não podem chegar, como algumas, a *mestras regias*, escolhem o

afazer delicado de costura, espécie de obra de prenda, com o qual completam (nas necessidades caseiras) a outra face familiar das suas visinhas, simplesmente cavadoras.

São assim, por vezes, as filhas dos caseiros mais remediados e as mulheres debeis ou inteligentes do campo.

E as camisas rendadas dos lavradores, os lenços bordados das raparigas, as rendas de agulha das tendas da feira, os miotes verdes e cõr de rosa dos rapazes (em dia de romagem), as salas de baeta crepe e as casaquinhas de canhões de velludilho, tudo isso faz, ao gosto da sua gente, a *habilitosa*, a costureira d'aldeia.

E o collete bordado!

Ah! senhores poetas d'este paiz, para que serve esse metro de sete syllabas, para que nos serve a poesia do nosso povo!... Se não houvesse nos campos de Portugal semelhante graça e semelhante gente, talvez que restassem para ahi dezenas de paginas em prosa lamentando «a falta de costumes nacionaes.» Eu creio que se innovaram as eclogas ha seculos, porque havia costumes ruraes dignos de serem cantados. E a terra portugueza, em tradições, é como um cortiço d'abelhas cheio de mel doirado!...

Senhores poetas... senhores poetas...

O collete bordado da mulher dos campos do Minho, disse-me alguém, recorda um collete da epocha de Luiz XV. Os cavadores minhotos, ao abril-o, com ironia, chamam-lhe um *morcego morto*. Eu indicarei que recorda, até certo ponto, uma *jugo* da região.

Todavia o que elle nos parece ou recorda é uma coisa secundaria, porque não parece que o collete, ou, melhor, o modelo do collete do Minho tenha o valôr historico do collete Luiz XV ou do *jugo* rural.

Devaneando um pouco, talvez se venha a reconhecer que a utilidade é a mesma: o *jugo* sustenta as cabeças leaes dos bois, e o collete de panno cru sustenta os seios redondos das mulheres.

Devaneando, no entanto.

Essa garota do campo, que ahi está sentada á restiasinha de sol, mostra o primeiro collete da mulher do Minho e o modelo de todos os das Beiras. Um collete alto, seguro, que modela a florescência das pri-



Em dias de romaria

meiras carnes, com utilidade. Porque ha mais colletes: aquelle que é branco e simplesmente bordado a quatro fios de trança preta, para o trabalho; e o outro, o das grandes festas e domingos de passeio á cidade, bordado a trança de lã amarella e rosa, com dizeres engraçados no baixo Minho e com brilhos de lantejoula pelos campos de Vianna.

Ora o collete da mulher do Minho não tem de modo algum a consistência do collete Luiz XV, que se encançava de rijas varas de baleia ou de junco, e era, como disse, um collete torturante. Este collete minhoto, talhado aos gomos, cravado á machina, afitado, bordado, e posto sob os peitos com o cinzedouro d'um tirante de linha, não pôde torturar porque nada mais traz, no revestimento, do que o simples e o economico panno cru em que é facturado.

Sendo a mulher dos campos minhotas, quasi em geral, uma creatura de seio farto e bem lançado, este objecto diario serve thõ sómente para sustentaculo da sua exuberancia natural, revestindo os contornos da cinta, prendendo a fatura da camisa de linho da terra, dando-lhe graça ao busto forte de *Céres* pagã!

As *sikas* que o adornam, como todos os bordados do povo rural, são um trabalho incongruente. Mas que estranha belleza primitiva, embrionaria, se revela d'esses adornos instinctivos. Faz pensar como essa gente, d'uma susceptibilidade artistica ainda balbuciante, seria capaz de produzir uma arte segura e sua, assim procurada nos elementos naturaes, vivida á sua interpretação sagaz, methodisada com observação e felicidade, se algum, porventura, fosse tão desapiedado que procurasse tirar-lhes da vida o agradável enleio da sua ingenuidade.

E esse, sim; esse é que é o collete da écloga!

De resto um collete insubstituível. Como poderia dedicar-se ao labor agitado do campo uma mulher que se apertasse violentamente n'um collete espartilhado? Nas cavas e cegas, na arrinca e na vindima, o corpo d'esta mulher sádia todo se requebra e violenta, indubitavelmente carecido de movimentos rapidos e fauceis. O collete é, como a *faxa* das mulheres ovarinas e poveiras, um objecto necessario e simples, originando a plena liberdade na vida agila do trabalho. E não é sem uma tal ou qual admiração que eu noto a singularidade d'estes objectos, todos delineados e facturados



com a exclusiva pretensão de serem uteis.

Depois, e regionalmente, servem o costume da terra— a graça de serem adornados. E' esse o pri-

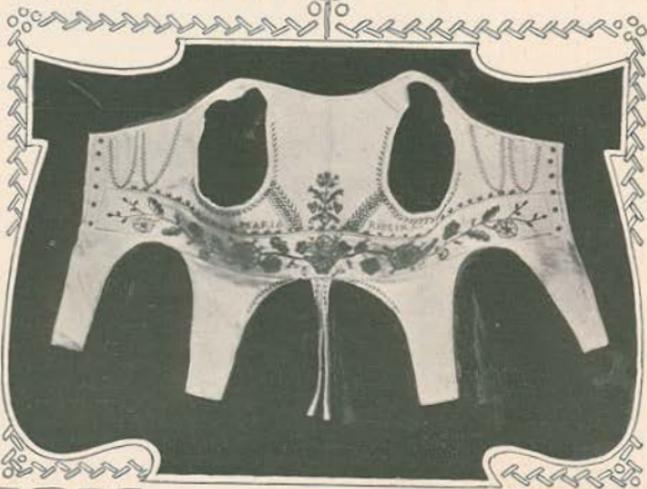
vilégio da provincia do Minho, entre todas as provincias de Portugal: decorando as peças de vestuario, alguns dos utensilios das alfaias agricola e domestica, os documentos do fabrico da loiça vermelha da região, as rocas, os fusos, emfim, toda a ementaria dos objectos que produz e utiliza. E é certo tambem, dada a falta quasi total de curiosidades regionaes nas diferentes provincias do sul d'este paiz, que é por esse predominio artistico, ainda que ingenuo, que a provin-

dia do Minho é a mais interessante das provincias.

Não existe duvida que a mulher do campo sente uma extrema vaidade com esse adorno do collete bordado, como o sente com o lenço de flôco, a chinela garrida, e com as barras alacres das suas saias de romaria. Raro se encontra n'uma festividade, antes da noite, uma camponeza que vista a sua casquinha, arrimada ao hombro pretenciosamente, para que o collete bordado se veja por completo. Assim afasta para as tranças, com pretensão; as pontas do lenço

vermelho, para que o oiro das arrecadas seja visto; assim as suas saias são curtas e arredondas, para que, da meia *chrochet* á chinela de polimento, n'um palmo indiscreto, se descubra a sua graça e se elogie o seu bom gosto.

O collete bordado das minhotas é, em conclusão, o mais hygienico e o mais bonito dos colletes.



1—Vida do campo: provando um collete bordado. 2—Um collete bordado a trança preta
(*Chichês*, do sr. GASPAR FERREIRA)

NA GUERRA COMO NOS SALÕES...

A Marquiza del Mérito

Cordova foi sempre uma cidade estranha! Terra de S. Raphael, ostentou as maiores grandezas, mas foi também sempre sina sua perdel-as. Berço dos Senecas e de Lucano, de Juan de Mena, Gongora, Perez de Oliva, Ambrosio Morales e de Cespedes, fez, sob os Califas, a admiração da Europa. Foi a maior cidade da Hespanha, contando 300:000 habitantes, mas esse numero desceu hoje a 45:000 apenas. O seu Alcazar magestoso é agora, creio, que uma prisão. A sua mesquita magnifica, preciosa reliquia da architectura mourisca, recheiada de porphyro, jaspe e marmore, perdeu, na transformação em cathedral, trezentas das mil columnas que encerrava!

Foi ali, proximo do Guadalquivir—rio em cujas margens se derrama tanto *sal* que as suas aguas não sentem a confusão com as do mar—que viu a luz a nobre Marquiza de Valparaiso y del Mérito, e este facto bastaria para nobilitar Cordova se ella não fosse já, pelos seus illustres colonisadores romanos, chamada a *Colonia Patricia*.

As suas muralhas eram porém demasiado estreitas para uma alma grande e Cordova tinha que seguir o seu sestro, perdendo-a! Foi assim que, breve, os



1 e 2—Retratos da sr.^a marquiza del Mérito por Bassano, Londres

seus perfumados laranjaes vi-ram, desolados, partir a mais bella das suas flôres, e, n'esse momento, segundo a canção hespanhola, correu mais abundante o pranto dos *olhos* da grande e antiga ponte.

A illustre Marquiza, *née* de Valparaiso, tendo-se unido pelo matrimonio ao nobre Marquez del Mérito, abastado proprietario na Andaluzia, e sendo proximamente aparentada com os Duques de San Carlos e de Santo Mauro e Marquez de Viana, fidalgos ao serviço da corte, veiu para Madrid e n'essa corte se impôz logo pela sua belleza, vivacidade e elegancia.

A infanta D. Eulalia distinguia-a sempre, escolhendo-a para uma das suas mais intimas amigas.

Em Paris o successo foi igual, e a gentilissima Marquiza, pelo seu espirito e *charme* pessoal, rapidamente conquistou um logar de evidencia nos salões da alta sociedade franceza, ingleza, hespanhola e americana d'aquella capital.

A educação de seus filhos chamava-a porém a Londres, onde se installou primeiro no grande Hotel





A sr.^a marquesa del Mérito em *Court Dress*, toilette de crte em Inglaterra.

Ritz e depois n'um rico *appartement* do bairro elegante de Mayfair.

A sua boa estrella não a abandonava e a gentil Marqueza vencia sempre!

A passagem do seu luxuoso automovel, ultimo modelo, era sempre notada, nos parques como nas reuniões de *sport*.

Nas deslumbrantes festas de Buckingham Palace, em que, com

toilettes, féres e joias riquissimas, era a unica a ostentar a banda hespanhola de Maria Luiza, bastava o desusado e intenso fogo do seu olhar para a fazer distinguir d'entre as mil beldades que ali se reunem.

Rebentou, porém, a guerra em Melilla e a formosa titular andaluza começou a seguir interessada as suas phases no silencio confortavel e perfumado

do seu salão londrino, onde tudo que a cerca é bello e as flôres não murcham nunca. Foi ali que, n'uma tarde pallida d'outomno em que o sol amarellado não conseguia imitar os dourados reflexos do seu cabelo, inesperadamente, e enquanto dedilhava no piano um bello nocturno de Chopin, communicou aos seus amigos, entre os quaes se encontrava a embaixatriz de Hespanha, a decisão que tomára de partir para a guerra.

Era preciso dar o exemplo e que este partisse de alto; eil-a prompta a trocar o conforto, de que em Inglaterra se guarda o segredo, pelas agruras da guerra n'um paiz inhospito em que a agua mal chega para beber!

Mas assim foi. Dois dias depois, levando comsi-go todos os requisitos d'uma ambulancia moderna, era acompanhada á gare de *Charing Cross* pelos embaixadores de Hespanha, sendo a sua coragem saudada por toda a imprensa ingleza.

Indo encontrar-se com seu esposo em Cordova, dentro de poucos dias eram vivamente aclamados ao desembarcar em África.

Continuavam as hostilidades e não tardou muito tempo que no jornal da guerra *El Telegramma del Rif* lêssemos o seguinte:

«Os aristocráticos Marquezês del Mérito, grandes de Hespanha de primeira classe, que vieram a Melilla, não como touristes, mas para socorrer os feridos e alentar os soldados partilhando com elles fadigas e perigos, partiram para Nador no seu grande automovel; soffrendo porém este uma avaria tive-



1—A sr.^a marqueza del Mérito e sua filha.
2—Personagens marroquinos em casa dos marquezês del Mérito por occasião das grandes caçadas.



ram que pernoitar no acampamento, assistindo a um violento ataque da mourama. Nas guerrilhas onde estiveram algum tempo, a Marqueza mostrou-se tão corajosa como seu esposo. Ella dizia sentir orgulho de ser hespanhola ao vêr a bravura com que se batiam os soldados.

Entre outros feridos, houve n'esse momento um cabo do regimento del Rey, que, coberto de sangue, veio cahir junto d'ella soltando o grito de «Viva Hespanha» por todos repetido. Foi logo carinhosamente soccorrido e tratado pela intrepida e caridosa dama, até que chegou o pessoal medico.

Como reliquia conserva a sr.^a marqueza del Mérito uma bala que lhe cahiu muito proximo. Os soldados que se bateram junto dos illustres viajantes foram por estes gratificados com mil pesetas e os officiaes com os melhores charutos.

Regressando a Melilla enviaram logo para Nador grande porção de mantimentos e vinhos generosos das suas importantes adegas de Cordova.

Confirmando o valor nunca desmentido da mulher hespanhola, mostrou a nobre marqueza del Mérito que o tinha bem verdadeiro, encantando todos pelo seu arrojo.

O marquez, sem ser militar, portou-se como os que com mais brilho vestem o honroso uniforme.»

Final, a graciosa marqueza de Valparaiso e del Mérito foi o que tem sido e será sempre—na guerra como nos sabes...

A. C.



1—O sr. marquez del Mérito com o uniforme da Cruz Vermelha
2—O palacio do marquez del Mérito em Cordova.

O ANIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA BRASILEIRA



1—O presidente da Republica e ministro da guerra, passando revista às tropas formadas na Avenida Central. 2—O presidente da Republica e o ministerio assistindo no palacio Mourão ao desfilhar das tropas, no dia 15 de novembro. (Clichés de T. GUIMARÃES)

O REGRESSO DO CHEFE DO ESTADO



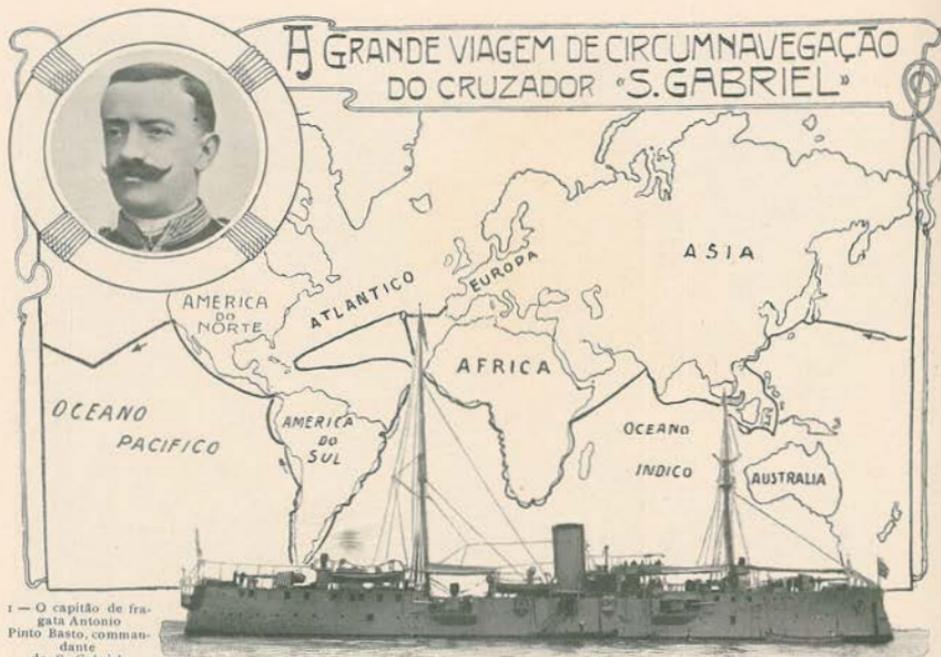
- 1—Na estação de Coimbra: A manifestação da Universidade
- 2—Acompanhando o comboio real
- 3—Na estação de Santarem: A manifestação do Seminário
- 4—A guarda de honra em Santarem

O chefe d'Estado regressou da sua viagem ao estrangeiro em 4 de dezembro. O comboio real foi organizado em Medina del Campo e teve paragens na linha do norte em Coimbra, onde os estudantes monarchicos fizeram uma manifestação ao soberano, e em Alfarellos, Pombal, Entrancamento, Santarem e Campolide, onde houve os cumprimentos officiaes. A Rainha D. Amelia e Infante D. Afonso estavam na *gare* do Rocio e foram as primeiras pessoas que saudaram o chefe do Estado, emquanto o elemento official o acclamava com vivas e palmas. O monarcha dirigiu-se para o salão nobre da estação, avistando-se com o ministerio, e desfilando em seguida o corpo diplomatico, funcionarios, clero, militares e representantes de varias collectividades, durando a recepção perto d'uma hora. Depois o chefe d'Estado desceu a escadaria da estação, e mettu-se n'uma carruagem à *Dumont*, acompanhado pelo sr. conde de Sabugosa, a caminho das Necessidades.

A ENTRADA EM LISBOA



A GRANDE VIAGEM DE CIRCUMNAVEGAÇÃO DO CRUZADOR "S. GABRIEL"



1 — O capitão de fragata Antonio Pinto Basto, comandante do S. Gabriel.

O cruzador S. Gabriel, do commando do capitão de fragata sr. Pinto Basto, deixou o Tejo em 11 de dezembro, devendo visitar não só as nossas colo-

nias mas ainda alguns dos pontos do mundo onde vivem, saudosos da pátria, muitos portugueses. Aproveita-se também essa viagem para o tirocinio



2—Os marinheiros do S. Gabriel



1—A officialidade do S. Gabriel
(Da esquerda para a direita) 2.º tenente
Teixeira Marinho, commissario Vasconcellos,
2.º tenente Vasconcellos e Sá,
2.º machinista Gomes, 3.º machinista
Pires, 1.º tenente Branco Martins, capitão-tenente,
imediato, Paiva Custado, capitão de fragata, commandante,
Pinto Basto,
1.º tenente medico Carlos Lebre,
1.º machinista Januario da Silva, 2.º tenente José Garvido,
2.º machinista Manuel Martins.

2—Os preparativos de marcha: Regulando as agulhas.

3—Aspirantes que fazem a sua viagem de instrucção a bordo do S. Gabriel:
(Da esquerda para a direita, de pé no 1.º plano) 1.º, Queimado de Sousa, Oliveira Pinto, Barcellos do Nascimento, 2.º plano: 1.º, Dias da Silva, Aníbal Figueiredo, Euterio Dias, Owen Pinto, Mattos e Castro.

4—Aspirantes que fazem a sua viagem de instrucção a bordo do S. Gabriel: (Da esquerda para a direita) 1.º, Queimado de Sousa, Teixeira Diniz, Perestrello Botilheiro, Mattos e Castro, Mario Senna, Barcellos Nascimento, Ferreira de Castro, Caelano Elias, Owen Pinto.

dos aspirantes, devendo o cruzador seguir a seguinte rota, o que levará perto de quinze mezes: S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande, Mon-



—O commandante na ponte
 2—O exame das agulhas.
 3—Os sargentos do *S. Gabriel*.
 4—Os sargentos conductores de machinas.
 5—Os cabos.
 (Clichés de BENOJLIEL)

tevideu, Buenos-Ayres, Coronel, Valparaizo, Callao, Panamá, S. Francisco, Honolulu, Yokohama, Nagasaki, Shanghai, Hong-Kong, Macau, Manilla, Timor, Singapura, Colombo, Gôa, Bombaim, Zanzibar, Moçambique, Quelimane, Lourenço Marques, Natal, Porto Isabel, Cabo, Angra Pequena, Walfish-Bay, Mossamedes, Porto Alexandre, Benguella, Loanda, Ambriz, Cabinda, S. Thomé, Príncipe, Bissau, S. Vicente, Port-au-Prince, Madeira e Lisboa.

Tal é o itinerario do nosso cruzador que vae mostrar a bandeira portugueza áquelles que tanto a desejam saudar.



AS EXEQUIAS POR ALMA DA DUQUEZA DE PALMELLA

Nas exequias por alma da sr.^a duquesa de Palmella, realisadas na egreja de S. Domingos, em 10 de dezembro, foi orador o sr. arcebispo de Évora, que se referiu ás virtudes da fallecida, enaltecendo a sua obra artistica e a sua vida em grande parte dedicada á caridade. Sua magestade a rainha sr.^a D. Amelia assistiu á cerimonia funebre por alma da illustre dama que foi camareira-mór do paço e uma das suas mais devotadas amigas, acompanhando tambem o patriarcha, corpo diplomatico, ministerio, pares do reino, casa civil e militar d'el-rei e muitas pessoas das relações das familias Palmella e Fayal.

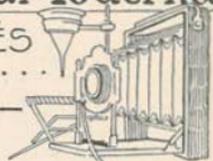
A missa funebre foi celebrada pelo rev. Fladeiro.



1—A Rainha saindo da egreja de S. Domingos, depois de assistir ás exequias.
2—Aspecto da egreja de S. Domingos durante as exequias

Photographia Moderna

— COM CLICHÉS
INÉDITOS
DO AUCTOR —



Post-Scriptum.

Para completar a exemplificação photographica do meu artigo, publicado no ultimo numero da *Illustração Portu-*



1—Pôr do sol, 2—V'ltos troncos,
3—Pinheiros á tardinha.



guez, juntam-se hoje mais tres clichés, indispensaveis ao valor do conjunto.

A quasi totalidade d'estas photographias foi feita na região para mim muito querida do Pinhal de Leiria—o *Pinhal do Rei* (mas do rei D. Diniz) como o povo lhe chama.

A natureza é ali profundamente bella, na alliança fecunda da floresta e do mar. A luz da beira-mar é a mais preciosa, porque sendo tres vezes mais energica do que na *terra*, adquire quando desfallece uma qualidade rarissima, na sua doçura ao mesmo tempo intensa e toda suave. O interesse d'estas photographias, se todavia algum possuirem, é terem apprehendido alguma coisa d'essa penumbra luminosa, d'uma tonalidade tão portugueza. Esse é o effeito procurado no *Retrato ao sol posto*, na *Paizagem*, na *Sombra na agua*, no numero anterior, e d'estes *Pinheiros á tardinha*, onde se fixou um pouco da leveza etherea, quasi irreal, das arvores destacando n'um ceu macio e limpido de crepusculo. A photographia moderna demonstrou tambem como era exacta, adivinhadora e pittoresca a visão dos velhos mestres japonezes.

A *estylisação* existe na natureza, e esta mostra-nos sempre, em qualquer dos seus aspectos, aquellas linhas que Ruskin chamou *decisivas*, porque são a historia viva das coisas.

AFFONSO LOPES VIEIRA.



Um trecho da Bohemia em Sisloa



1 — A hungara que lê a buena dicha
2 — Noiva de ha tres mezes

No recinto gredoso da Cova da Onça os húngaros ergueram as suas doze tendas, estendendo no chão, sobre palha de cavallariça, os colchões de sumauma, seus leitos e seus divans. São cincoenta e dois mas lembram uma turba-multa, tanto rodopiam barafustam, clamam. O mulhero e a creançada, sobretudo, com os seus saltos, os seus guinchos, o seu peditorio fazem uma atroada em que ha de tudo, desde a supplica á ameaça, desde o bater de palmas ao tilintar dos sequins que ornãm as cabeças femininas, desde os berros ao chocar das moedas de ouro e prata que enfeitam os peitos. Os homens, mettidos no barracão, trabalham, são habeis artifices caldeireiros e estanhadores, pittorescos com a sua tez abaçanada que parece ter vindo do calido do fogo atravez as gerações, porque de tempos immemoriaes, desde a sua origem n'um povo hindustanico, a gente d'aquella raça molda e afeição os metaes correndo mundo como se a fatalidade a mandasse andar sempre. São camlinheiros extranhos, seres desenraizados, o pae nascido na sombra das florestas húngaras, os filhos vendo a primeira luz por todo o orbe, na China como na Normandia, no aconchego tepido d'um paiz de sol ou no rigor das regiões geladas, sob o docel das macieiras de flores alvas; na beira dos rios japonezes ou na base dos montes escarpados dos Alpes ou dos Pyreneus, na violenta terra basca, ou no sentimental abrigo portuguez.

Os seus chefes são despotas, mais do que reis, deuses a quem elles obedecem firmemente sem discussões como se realmente revestissem um character sagrado. Quando falam, a tribu escuta e as suas vozes parecem ter maior resonancia ante aquelle silencio respeitoso, submisso, disciplinado; quando os olha acabrunham-se; ao seu apello todos se movem. O que conduziu este bando desde a Carcovia legendaria pela Moravia, Bohemia, Vienna d'Austria, Italia, França, Hespanha e Portugal, chama-se Nicolas e é um brusco; a sua fronte trigueira jámais se desenruga e do espesso das barbaças laivadas de amarello pelo fumo

do enorme cachimbo, responde sacudidamente aos que se lhe chegam. Tem um gesto prompto, o de metter a mão na algibeira e mostrar dinheiro quando se lhe oferece alguma cousa, n'uma maneira orgulhosa, soberana, que o resto da tribo não conserva.

Deante das barracas, sentadas nos colchões, macios, de pernas cruzadas á turca, algumas mulheres teem immobillidade de idoles, parecem deixar voar a phantasia para todos os caminhos do mundo que desde ha tres annos faticadamente teem palmilhado, mas logo que se acerca o visitante tudo aquillo se move, grita, se agita, reholiça, sem detença. As mulheres cheirando a chá, a cigarrilha e a gorduras agarram-nos violentamente, os pequenos embarçam-se nas nossas pernas e de todas as boccas sae o mesmo grito:

— *Una peseta, señor, una peseta!*
E é a peseta para se lhes analysar os sequins das tranças, para se vêr as moedas exóticas de outras eras, vindas em herança,

que trazem as mais velhas ao pescoço, para nos falarem da viagem, para nos deixarem vêr uma creança nascida ha dias no acampamento e para nos lêrem a *buena dicha*.

A creancita envolve-se em tiras de panno dos pés ao pescoço ligada como uma mumia. Após o nascimento e sem lavagem é assim en-



1—A' porta da barraca: a mãe medita, os filhos esmolam.
2—Um grupo de mulheres e creanças húngaras



rodilhada ao mesmo tempo que pela cabeça da mãe a mulher mais velha da tribo despeja um balde d'agua. Depois a parturiente estira-se no seu leito e d'ahi a pouco já toma bebidas espirituosas pelo bico do seu bule de casquinha de prata, sorri e fala, estende a mão a pedir como todas:

— *Una peseta, señor, una peseta!*

Os garotos guincham e pulam; são sujos, rotos, descalços e impertinentes, alguns teem olhos lindos, d'um negro brilhante que verruma e vão clamando em volta, dependurando-se das nossas algibeiras, gulosos do dinheiro que lhes



1—A leitura da *Buena dicha*. 2—O bando sae da tenda.
3—Os bohemios entre as suas camas.

servirá de adornos. E' vêr os olhos tentados das pequenas ante as moedas que se lhe mostram; atiram-se para ellas como ferasinhas a um pedaço de carne, vendendo já paramentadas, tilintando-as, correndo a chocal-as n'um tinido argenteo como aquella velha gorda tão carregada de ouro que roga pragas e tem o ar d'uma feiticeira, como um corcunda anão e de pera, que dá ao folle na officina e recorda Bertholdo da Carcovia com as pernas d'um gnomo germanico. No meio da faulhagem da forja o chefe dá ordens e o trabalho vai-se fazendo perfeito, as caldeiras reluzem a espelhar os rostos barbaçudos dos obreiros, o estanho corre liquifeito a barrar o interior das caçarolas, e cá fóra, no terreiro, a atular-se na greda, o mulhero pragueja, a criançada pede, a velha baixa insulta e agarra punhados de lama, ameaçadora, possessa.

Foi no meio d'um bando assim que a imperatriz Isabel d'Austria, que o punhal de Lucheni livrou d'uma vida de ha muito pesada, caiu n'uma noite, no intimo d'um bosque, ao fundo da Hungria, quando andava errante a maldizer o seu destino. N'uma clareira, a tribu sentada em semicirculo olhava attentamente uma mulher amarrada a uma arvore, nua da cintura para cima e que dois homens zurziam com varadas. O chefe e a *aró* — uma megera estranha — applaudiam o castigo. Era uma adúltera. A imperatriz, sem reflectir no que fazia, só, deante da horda, ordenou que acabasse o supplicio. Olharam-na de começo terrivelmente, como os tziganos olham, depois, reconhecendo a soberana, perdoaram, foram curar as feridas d'aquelle corpo que os beijos do adúlterio tinham aquecido e as varas de marmelleiro retalhado.

Tambem Isabel pagou-lhes bem. Mandou construir casas n'um sitio arejado, mobilou-as e offereceu-as á tribu. Um dia, ao galope do celebre cavallo do conde de Festetics, que só ella conseguiu domar, foi vêr os seus bohemios, antepassados talvez d'estes caldeireiros vagabundos, e ficou desolada. Tinham demolido as casas, tirado a mobilia e arvorado tendas, farrapos, no lugar d'ellas. Um dia desapareceram, puzeram-



1—Uma tenda. 2—Typo de bohemia. 3—As mulheres do bando ugingdo á objectiva.



se a correr mundo e com elles um coronel hungaro, de origem bohemia, que abandonára o seu regimento com a nostalgia ancestral dos grandes caminhos do universo por onde tem calcurriado as legiões tziganas atravez as edades.



Isabel, apesar de ter ouvido varias vezes lér a sua sina, nunca recebeu a prophcia da fórma por que seria morta. As bohemias lisongeavam-na. Mentiam-lhe talvez. Asseguravam felicidades sem par á imperatriz que se pôz como ellas a vagamundear.

Na Cova da Onça, no meio d'aquelle berreiro, tambem uma bohemia alta, morena, de seios fartos e olhos ardentes, quiz lér a sina d'uma senhora; pôz-se a fixar-lhe as linhas da mão e foi dizendo cousas, falando de riquezas, sorrindo a deixar vêr o esmalte marfimico dos seus lindos dentes:

— Felicidades, alegrias... Ah! Mas ha de perder alguma cousa...

— Já perdi... O dinheiro que te dei!...

E em volta o clamor continuava. O rapazio sujo pulava, empurrava-nos e n'um berreiro estranho procurava as nossas algibeiras sob o olhar incitante das mães. A velha *oró*, medalhada e violenta, praguejava e agarrava a lama a desejar-nos males e a querer despojar-nos, n'um vozear rouco que metade da Europa tem escutado saindo da sua garganta afogada em grilhões, d'onde pendem moedas de ouro, que narram pela origem o itinerario d'aquellas vidas vagabundas.



1.—A mais velha da colonia. Tem corrido metade da Europa. 2.—Os curiosos no alto d'um monticulo vendo o acampamento. 3.—Mulher casada junto á filha que já é noiva. 4.—Um pequeno caldeireiro com duas companheiras—(Clichés de BRUNOLIEL.)

A GIOCONDA, DE LEONARDO DE VINCI

Como todos os que teem a ventura de passar o limiar d'essa *Sala Quadrada* do Museu do Louvre, onde a França guarda algumas das maiores maravilhas que o genio humano produziu na pintura, o rei de Portugal, na sua recente visita ao grandioso museu, parou deante de um pequeno quadro, em que pela primeira vez pousavam os seus olhos de artista. Esse pequeno quadro prestigioso, que, entre tantas obras primas, exerce sobre o visitante uma tyrannia fascinadora, é o retrato de Mona Lisa, mulher de Francisco del Giocondo, em que Leonardo de Vinci trabalhou durante quatro annos, deixando-o ainda incompleto, e que Francisco I, rei de França, pagou por 4:000 escudos de ouro.

Para se calcular bem até aonde a arte póde ir na imitação da natureza é indispensavel vêr essa cabeça de mulher, na qual os mais insignificantes detalhes phisonomicos são analysados e reproduzidos com uma mestria prodigiosa. Emquanto pintava aquella formosa Mona Lisa, cuja belleza recejava alterar, Leonardo di Vinci rodeara o seu modelo de cantores e de musicos, para o conservar n'uma doce alegria e evitar-lhe esse invencivel enfado em que as demoradas poses acabam sempre por envolver os mais pacientes modelos. Assim o grande pintor conseguiu que se mantivesse na bocca voluptuosa de Mona Lisa esse perturbador sorriso de malicia com que ella, quatro seculos depois de morta, continua a sorrir-nos.

Não é esta obra-prima menos surpreendente como estudo profundo de uma alma. O Vinci, artista de reflexão, apparece-nos, pela generalisação e elevação do estylo,



O quadro *Gioconda*

como o mais espantoso psychologo da Mulher, tendo obtido fixar na pintura esse encanto mysterioso do sexo, que é perante os homens a suprema omnipotencia da mulher. Aquellas mãos cruzadas n'um delicioso *arranjo* de abandono e de graça; aquellas mãos de Eva inactiva teem o poder de transformar o mundo, são as semeadoras fecundas da bondade e do crime, do amor e do odio, da paz e da guerra. Para obter a honra de lhes sentir o macio contacto, o homem é capaz de todas as victorias. E não se vá suppôr que só a

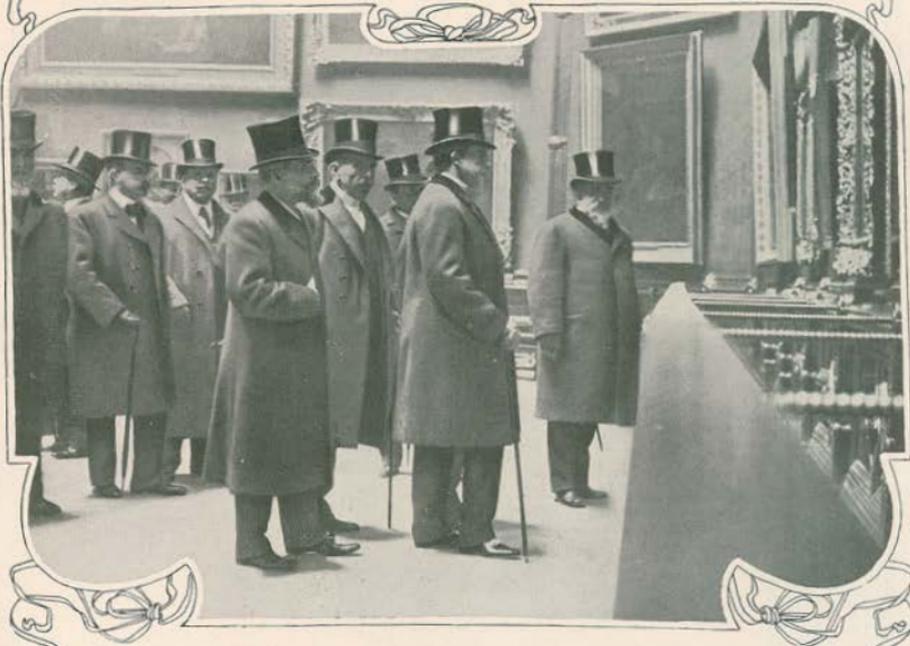
phantasia attribuiu ao extraordinario pintor essas intenções profundas. O scenario que envolve Mona Lisa não é um simples contraste, a facil opposição de um lindo rosto com um fundo de aspreza quasi selvagem. Leonardo di Vinci apresenta-nos a Natureza horrivel, revolta e inhabitavel, tal como nas longinquas edades ella appareceu ao primeiro homem. Mas entre a escabrosa paisagem serpenteiam caminhos viaveis... Que torça conseguiu dominar a terra inimiga? Uma fragil creatura, pela sua belleza e o seu encanto tudo fez. Não é um genio, não é uma fada, não é um ser sobrenatural. E' uma simples mulher. E é essa mulher, estimulo a todas as bellezas da vida e a toda a grandeza do homem, que n'aquelle quadro nos sorri, com o seu vago sorriso, o seu olhar perturbador, a sua doce attitude de sonho.

Entre as obras todas admiraveis e profundas de Leonardo di Vinci, a Gioconda é com certeza a mais significativa. O grande pintor, que dispunha de dons universaes e que, engenheiro e musico, pintor e esculptor, sabia tudo quanto no seu tempo constituia a erudição humana, não demorou quatro annos a pintar esse prodigio se n'elle não tivesse querido deixar, mais do que as feições de uma mulher formosa, a sua alma complexa de tentadora e a inebriante doçura da omnipotencia feminina...

Mas todas as palavras com que se tem tentado descrever e explicar a esphinge sorridente da Mona Lisa, desde as cogitações de

Versari até aos enthusiasmos idolatras de Gautier, não poderão nunca propagar áquelles que não soffreram a influencia perturbante d'esse sorriso a impressão hypnotisadora do espantoso retrato. Aquella cabeça banhada de meias-tintas crepusculares, envolta em transparentes crepes, e cujas feições parecem melodiosamente immeras n'uma atmosphera violeta, dir-se-hia uma criação do Sonho através da gaze tenebrosa do Somno. As penumbras dos seus profundos olhos estão cheios de segredos. Os seus labios desdenhosos parecem guardar, na sua expressão ironica, palavras que em vão se tentam adivinhar. Que fixidez inquietante e que sardonismo sobrehumano nas suas pupilas sombrias, nos seus labios ondulosos como o proprio arco do Amôr! Ha quatrocentos annos que ella sorri com a mesma volutuosidade desdenhosa aos seus adoradores innumeraveis. Na sua fonte parece responder a serenidade de uma mulher convencida da eternidade da sua beleza.

E' fóra de duvida, entretanto, que o tempo consideravelmente alterou a obra prima de Leonardo di Vinci, e que não era este o colorido primitivo do retrato da Mona Lisa. Foi a collaboração de quatro seculos, corrompendo algumas tintas e deixando em todas as tonalidades transparecer o negro particular que empregava Leonardo e que envolveu a figura n'essa mysteriosa penumbra que tão admiravelmente se harmonisa com a expressão da Gioconda, e que é, na sua fluidez violacea, como que o proprio colorido do Ideal.



El-rei no Museu do Louvre diante do quadro *Gioconda* de Leonardo di Vinci

(Cliché de BENOLIKL)



DR. JOAQUIM COSTA. — Com o titulo *Alma Portuguesa*, acaba o sr. Joaquim Costa de publicar a sua memoria premiada no concurso dos Jogos Floraes de Salamanca, e em que o distinctissimo escriptor faz, com uma agudeza de critica por vezes notavel, o indice do movimento litterario portuguez contemporaneo. N'um admiravel prefacio, Bruno encarece, com o prestigio da sua grande auctoridade, a obra excellente e tao nobremente executada do illustre escriptor, verificando n'ella as raras qualidades de observação e as excepçoes aptidões de analyse que demandam os trabalhos d'este genero, tao pouco cultivado entre nós. Escripção n'uma linguagem de limpida fluencia, a memoria do sr. Joaquim Costa, tao justamente premiada pelo jury do concurso de Salamanca, é sem duvida o mais notavel ensaio de critica entre todos aquelles a que tem servido de thema a moderna produçao mental da nossa terra. Não conhecemos outro que methodicamente, abrangendo os ultimos trinta annos de cultura litteraria, tenha, com esta serena imparcialidade e este intelligente equilibrio, analysado, sem omissao de relevo, o movimento litterario portuguez.



FRANCISCO GOMES DA SILVA. — Falleceu em 30 de novembro o illustre jornalista, escriptor e orador Gomes da Silva, que foi um dos mais populares vultos republicanos, tendo pertencido ao directorio do partido e sido deputado por Lisboa em 1894 e 1896. Deixou dispersos em muitos jornaes artigos de valor e escreveu um romance intitulado *Mysterios da Inquisição* que obteve um grande successo. Exerceu tambem os cargos de grão-mestre da maçonaria portugueza e de director geral da fazenda municipal.



tigos de valor e escreveu um romance intitulado *Mysterios da Inquisição* que obteve um grande successo. Exerceu tambem os cargos de grão-mestre da maçonaria portugueza e de director geral da fazenda municipal.

A TIA LEONARDA—Leonarda Maria Nogueira foi uma taberneira famosa e a sua tasca da rua Luz Soriano o ultimo lugar onde se divertiu a passada geração de artistas, escriptores, jornalistas e bohemios. Diante dos pratos deliciosos que ella preparava dispendeu-se muito espirito, houve altas discussões, combinaram-se partidas estrondosas, imaginaram-se loucuras. A tia Leonarda falleceu em 2 de dezembro e no seu funeral incorporaram-se muitos dos antigos frequentadores da casa, hoje collocados em logares de destaque nas artes e na politica.



1 — Dr. Joaquim Costa.
2 — O sr. Gomes da Silva.
3 — A tia Leonarda. 4 — A celebre tasca da tia Leonarda.
na rua Luz Soriano.



D. Maria Pinheiro da Silva, 1.º premio de piano do Conservatorio

Assinatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

For anno..... 4\$800 réis
 " semestre..... 2\$400 "
 " trimestre..... 1\$200 "

Assinatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Humoristico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

For anno..... 8\$000 réis
 " semestre..... 4\$000 "
 " trimestre..... 2\$000 "
 " mez (em Lisboa)..... 700 "



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE. 8, rue Favart. Paris

Agencia de  VIAGENS

Ernst George

SUCCESSORES

VENDA DE BILHETES DE PASSAGEM EM VAPORES E CAMINHOS DE FERRO
 PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO
 SEM AUGMENTO NOS PREÇOS. VIAGENS CIRCULATORIAS A PREÇOS REDUZIDOS
 NA FRANÇA, ITALIA, SUISSA, ALLEMANHA, AUSTRIA, ETC.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

*Viagens baratissimas
 á TERRA SANTA*

Rua Bella da Rainha, 8—LISBOA

COKE INGLEZ

PARA COSINHA

O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.º

Tel-phone 1738

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL
ANEMIA CÔRES PALLIDAS
 CHLOROSE, CONVALESCENÇA
 Elixir de S. Vicente de Paula



Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL.
 CUREL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.º LISBOA
 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal.
 P.FLOLLE, Rue, 2, Faub. S. Denis, PARIS

XAROPE FAMEL

CURA
 INFALLIVEL E ENTE
 BRONCHITES
 MESMO CHRONICAS

TOSSES

ASTHMA

PREÇO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL 2
 15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA.
 FRANCO DE PORTE COBRANDO DOIS FRANÇOS.

PARA EN-CADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração
 do "Seculo"

LISBOA

Penteados elegantes



durante duas semanas. Preço 500 réis. Rua do Bandeira, 44, 2.ª — Lisboa.

A' venda nas seguintes casas:

Perfumaria Balsemão — Rua dos Retrozeiros, 44.

Uma verdadeira maravilha na arte de fazer, em si proprio, esses penteados modernos que tanto embelezam a mulher, são os **Frisadores Electricos de West**.

Não é necessario aquece-los, não tem gumes nem pontas que possam maltratar a cabeleira ou as mãos.

Estes **Frisadores Electricos** são de facil manejo, trissam e consultam em 12 minutos e duram toda a vida.

Preço de 3 frisaadores, 600 réis; pelo correio, 650 réis.

O **Sabonão de Verbena** calculado destroe as espinhas, cura a caspa, conserva suave e perfuma a pele, deleita o banho. A pastilha é grande, sólida e dura muito tempo. Observe-se seus resultados.

DEPOSITO GERAL: Rua do Arco

Madame Brouillard



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e phisologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanho.

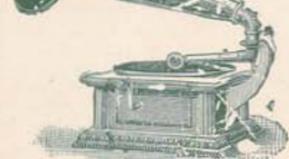
Da consulta diaria das 9 da manhã das 11 da noite em seu gabinete

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS 125 machinas fallantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis a **CASA SIMPLEX**

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 — LISBOA.

Concurso de 1909

SORTEIO DOS

4:528 premios

COMEÇA HOJE ÀS 11 HORAS DA MANHÃ

Para o sorteio do Concurso de 1909, que se realiza hoje pelas 11 horas da manhã, na sala de festas da *Illustração Portuguesa*, com assistencia da autoridade administrativa e representação do commercio da capital, são empregados aparelhos absolutamente eguaes aos que servem para o sorteio das obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Sendo, como se sabe, os bilhetes do concurso divididos em séries de 1 a 3:000, a primeira operação, que se effectuou hontem perante as entidades acima descritas, consistiu em introduzir em 3:000 pequenos agulheiros de metal, adequados a este fim, 3:000 pedaços de papel, numerados de 1 a 3:000. Estes agulheiros foram mettidos n'um cylindro rotativo, que foi fechado á chave e sellado.

Depois d'isto metteram-se n'outros agulheiros papeis com as letras das séries, e estes agulheiros foram igualmente introduzidos n'outro cylindro igual ao primeiro, que foi tambem fechado á chave e sellado.

Praticadas estas operações, ficou realisada a primeira parte do sorteio, que se realiza hoje da maneira seguinte:

Do primeiro cylindro é extrahido, por uma criança, um agulheiro, que passa ás mãos do membro do jury encarregado de vér os numeros que vão saindo. Um pregoeiro da Santa Casa da Mizericordia está encarregado de apregoar ao publico os numeros.

Em seguida, outra criança tira um agulheiro do segundo cylindro, onde estão as letras das séries. Essa letra é apregoada e o bilhete que tiver o primeiro numero e a primeira série saídos dos respectivos cylindros é o premiado com 5 contos de réis.

O segundo premio pertencerá ao bilhete que tiver o primeiro numero que sair e pertencer á segunda série extrahida do cylindro respectivo.

E assim successivamente.

Quando no cylindro das séries não houver mais agulheiros, extrae-se outro numero do cylindro dos numeros. Em seguida, os agulheiros com as letras das séries são de novo lançados no seu cylindro e começa-se outra vez a extrahir séries, até que estas se exgotem e se vá ao outro cylindro extrahir um novo numero.

Estas operações repetir-se-hão successivamente até ao final do sorteio.

A lista dos numeros premlados será publicada no "Seculo" e na "Illustração Portuguesa", nos proximos numeros.